



Sociedade das Ciências Antigas

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE
A FILOSOFIA E O MITO**

POR

LOURDES MARIA RODRIGUES CAVALCANTI

Este artigo tem o objetivo de *desmistificar* o mito, ressaltando sua importância para a formação das tradições culturais dos povos e da Consciência Coletiva¹, bem como destacar a importância da filosofia na formação do pensamento racional e lógico do ser humano. Para um melhor entendimento, há um pequeno glossário de termos próprios da Psicologia e que são utilizados neste artigo.

A Filosofia é a busca por sabedoria, uma sabedoria e um conhecimento desinteressados, visando a liberdade e a criação, repensando as relações entre o homem, o trabalho e a inteligência. Neste contexto, a técnica torna-se objeto de reflexão da Filosofia, uma vez que as relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência dependem da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos; a técnica é uma das dimensões fundamentais que coloca em jogo a transformação do mundo humano por ele mesmo, obrigando-nos a reconhecer que (a técnica) é um dos mais importantes temas filosóficos e políticos de nosso tempo.

Há quatro elementos do desejo da filosofia:

- 1) A revolta, a recusa em ficar instalado e satisfeito;
- 2) A lógica, que é o desejo de uma razão coerente;
- 3) O universal, que é a recusa do que é particularmente fechado;
- 4) A aposta, que é o gosto pelo encontro e pelo acaso, o engajamento e o risco; desejos estes que se opõem, naturalmente, ao nosso mundo contemporâneo, que não gosta da revolta nem da crítica, que pede para que cada um de nós se adapte a ele, desprezando a lógica e a coerência racional, submetido que está à comunicação e às imagens, expostas e ao alcance de todos, nas mais diferentes mídias.

Por isto, o mundo contemporâneo em que vivemos só conhece uma universalidade: a do dinheiro. Desejar um pensamento universal nestas condições é, portanto, muito difícil, mesmo que a filosofia seja considerada como uma das chaves de compreensão do homem e do mundo em que vive.

Há diferentes pontos de vista sobre a noção de sabedoria, que é o objeto da Filosofia. Podemos entender o termo sabedoria como sendo a capacidade de discernimento de alguém que coloca seus pensamentos e suas ações sob a determinação de princípios racionais. E lembrando que a Filosofia é uma maneira de pensar o mundo sob um contexto existencial, e que seu objeto sempre foi a sabedoria, podemos destacar que:

- 1) A filosofia deve preservar seu senso crítico e sua revolta
- 2) A filosofia deve preservar o desejo de uma razão e de uma lógica, pensamento a ciência como um pensamento, distinguindo-a da técnica produtivista

¹ **Consciência Coletiva** – conteúdos formados pela coletividade. É representada pela cultura, pela moral, pelos valores, pela linguagem, pelas normas e pelo conhecimento.

- 3) A filosofia deve preservar o sentido de universalidade, assumindo a multiplicidade das culturas, tendo como exemplo seu próprio conceito universal de atividade artística, evitando encerrar-se num esquema ocidental ou em qualquer outro esquema
- 4) A filosofia deve preservar o sentido da aposta e do risco. Isto quer dizer que ela deve estar ligada à experiência dos encontros, das decisões, das rupturas subjetivas.

A filosofia precisa discernir as experiências que são heterogêneas à lei deste mundo para que possa resistir no mundo, através das experiências políticas radicais, das invenções da ciência, das criações da arte e dos encontros do desejo e do amor. A sabedoria filosófica é importante para analisar o homem e o mundo contemporâneo por ser uma entre muitas chaves das práticas e dos saberes científicos e não científicos vigentes em nossos dias.

A etimologia da palavra Filosofia nos leva ao conceito de que é “o amor à sabedoria”, por conseguinte, filósofo é o “amante, aquele que ama a sabedoria”, que busca compreender o como e o porque de sua existência, através de duas formas: indutiva e dedutiva;

- 1) partindo do conhecido para testar o desconhecido, temos uma abordagem filosófica totalmente indutiva, em que se privilegia a introspecção.
- 2) partindo do desconhecido para o conhecido, parte-se da causa para se chegar aos efeitos, de forma totalmente dedutiva. Temos ainda o silogismo, que é uma forma de raciocínio filosófico que se mostra mais eficaz por conta de aliar o pensamento indutivo ao pensamento dedutivo, equilibrando a busca entre o conhecido e o desconhecido.

A Filosofia, de acordo com muitas obras de consulta, surgiu no século VI a.C., na Grécia antiga, na época de Tales de Mileto, que fixou a duração do ano em 365 dias, regulou a ordem das estações e limitou cada mês a 30 dias. Ao fim de cada doze meses, acrescentou 5 dias para completar o curso do ano.

Foram muitos os sábios que se destacaram na Grécia Antiga, além de Tales de Mileto: Sólon, Pitágoras, Heráclito, Demócrito, Empédocles, Sócrates, Platão...

Podemos resumir, de acordo com a Wikipédia (s.d.) que a filosofia consiste no estudo das características mais gerais e abstratas do mundo e das categorias com que pensamos: *Mente* (pensar), *matéria* (o que sensibiliza noções como quente ou frio sobre o realismo), *razão* (lógica), *demonstração* e *verdade*.

As respostas às questões filosóficas envolvem o exame de conceitos relevantes e suas relações com outros conceitos ou teorias, e seus objetos próprios são:

- 1) a *Metafísica* - que se dedica ao estudo daquilo que não é físico (*physis*), do conhecimento do ser (ontologia), do que transcende o sensorial e também da teologia;
- 2) a *Epistemologia* – que é o estudo do conhecimento, teorizando sobre a própria ciência e sobre como seria possível a apreensão deste conhecimento;
- 3) a *Ética* – que, de acordo com Aristóteles, é a parte do conhecimento prático que nos mostra como devemos agir e viver;
- 4) a *Estética* – que busca o belo, sua conceituação e questionamento; em síntese, o entendimento da arte;
- 5) a *Lógica* – que é a busca da verdade através de questionamentos e da razão.

“A Filosofia recusa-se a aceitar qualquer crença que a prova e o raciocínio não mostre que é verdadeira, ignorando o simples senso comum” STOLNITZ(1960), com o que não estou de acordo,

de jeito nenhum, pois o símbolo atesta que todo objeto pode revestir-se de valor simbólico, seja ele natural (pedras, metais, etc.) ou abstrato (formas geométricas, números, ritmos, idéias, etc.)

A filosofia enquanto explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as causas das transformações e repetições das coisas busca um conhecimento real. A filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as em explicações inteiramente novas e diferentes, de como e porque, no passado, no presente e no futuro, as coisas são como são, não admitindo contradições e coisas incompreensíveis, exigindo uma explicação coerente, lógica e racional, baseada na razão humana, relacionando tudo com a sabedoria, porém, através da ciência.

Os filósofos e sábios que praticam o método experimental de Francis Bacon para o estudo do universo visível fazem da verdade uma idéia inteiramente exterior e material, pensando que dela se aproximam na medida em que acumulam, cada vez mais, um maior número de fatos, o que leva à idéia de que o desenvolvimento da humanidade se dará com a marcha eterna em direção a uma verdade indefinida, indefinível e inacessível, conforme a concepção da filosofia positivista de Auguste Comte e Herbert Spencer. Já os sábios e sofistas do Oriente e da Grécia sabiam que a verdade não se pode abranger sem um conhecimento sumário do mundo físico e achavam que a verdade e a fé residiam, antes de tudo, em nós mesmos, nos princípios intelectuais e na vida espiritual da alma. Concentravam sua vontade, desenvolviam suas faculdades latentes e atingiam o foco vivo que chamavam de Deus; para estes sábios e sofistas “a *história dos homens e do mundo era somente a evolução, no tempo e no espaço, da Causa central e do Fim último*”. Estes homens foram Khrisna, Buda, Zoroastro, Moisés, Pitágoras, Jesus Cristo... eles criaram as ciências e as religiões, em consequência, as letras e as artes.

Se, por um lado, a função da filosofia é a de criticar, o mito conta-nos como algo que não era, passou a ser, isto é, é a narrativa de uma criação. A grande utilidade dos mitos está não só no ensinamento dos caminhos que percorrem a Consciência Coletiva de uma determinada cultura, durante sua formação, mas também no diagnóstico do tesouro cultural através do qual a Consciência Coletiva pode, a qualquer momento, voltar para realimentar-se e continuar se expandindo.

De acordo com BRANDÃO (2002), “o mito expressa o mundo e a realidade, mas cuja essência é efetivamente, uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao invés, é ilógico e irracional”, prestando-se, por isto, a todas as interpretações.

CHEVALIER (1999), diz que as figuras mais significativas da mitologia grega, em particular, representam, cada uma, uma função da psique e as relações entre elas exprimem a vida psíquica dos homens, dividida entre as tendências opostas que vão da sublimação à perversão. Outros autores viram nos mitos uma representação da vida passada dos povos, sua história, com seus heróis e suas façanhas, sendo de alguma maneira rerepresentada simbolicamente ao nível dos deuses e de suas venturas: o mito seria uma dramaturgia da vida social ou da história poetizada. Outros, sobretudo entre os filósofos, vêem o mito como um “conjunto de símbolos muito antigos, destinados originalmente a envolver os dogmas filosóficos e as idéias morais, cujo sentido se teria perdido”. Para Platão, o mito era uma forma de traduzir aquilo que pertence à opinião e não à certeza científica. O mito ajuda a perceber uma dimensão da realidade humana e traz à tona a função simbolizadora da imaginação e não pretende transmitir a verdade científica nem filosófica, mas apenas expressar a verdade de certas percepções.

A consciência humana evolui a partir do inconsciente até chegar ao ego² individualizado, para ser posteriormente integrada na totalidade psíquica. Os povos têm uma visão da criação do cosmos, como uma projeção simbólica do fenômeno da origem e desenvolvimento da consciência. A simbologia da luz e sua aparição dentro das trevas, nos mitos³ da criação, representam a aparição da consciência a partir do inconsciente.

Desde sua formação como embrião, feto e criança recém-nascida, o ser humano se movimenta na estrutura da consciência arcaica⁴, em nada se diferenciando dos outros seres que vivem sem um tipo de consciência separada.

Entretanto, no momento do nascimento, a criança começa a dirigir sua consciência para fora, dando início a uma nova etapa na estrutura da consciência humana; quanto menor é o ser humano e mais próximo de seu nascimento, mas sua vida psíquica individual é regida pelos instintos.

Os arquétipos⁵, de acordo com JUNG (1984) “são modelos de protótipos simbólicos profundamente gravados no inconsciente da alma humana, pré-existent e dinâmicos, manifestando-se como estruturas de consciência quase universais, inatas ou herdadas,” uma espécie de consciência coletiva, que “são experimentados através de símbolos carregados de grande potência energética, que têm um papel considerável na evolução da personalidade do ser humano.” Podemos dizer, então, que os símbolos arquetípicos ligam o universal e o individual, pois as estruturas da consciência são comuns à humanidade, mas não as imagens, que variam de acordo com a época, as etnias e o indivíduo.

Através do conceito de arquétipo, Carl Gustav Jung abriu para a Psicologia a possibilidade de perceber nos mitos diferentes caminhos simbólicos para a formação da Consciência Coletiva. Neste sentido, todos os símbolos existentes numa cultura e atuantes nas suas instituições, são marcos do grande caminho da humanidade das trevas para a luz, do inconsciente para o consciente. Estes símbolos são as crenças, os costumes, as leis, as obras de arte, o conhecimento científico, os esportes, as festas, enfim, todas as atividades que formam a identidade cultural de um povo. Dentre esses símbolos, os mitos têm lugar de destaque devido à profundidade e abrangência com que funcionam no grande e difícil processo de formação da Consciência Coletiva. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo⁶.

Para C.G.Jung o símbolo não é seguramente nem uma alegoria nem um mero signo, mas uma *“imagem apropriada para designar, da melhor forma possível, a natureza obscuramente pressentida do Espírito.”* (CHEVALIER, 1988). Para Jung, o termo *espírito* engloba o consciente e o inconsciente, *“concentra as produções religiosas e éticas, criadoras e estéticas do homem, colorindo todas as atividades intelectuais, imaginativas e emotivas do homem, opondo-se, enquanto*

² **Ego** – é a soma total dos pensamentos, idéias, sentimentos, lembranças e percepções sensoriais. É a parte mais superficial do indivíduo, a qual, modificada e tornada consciente, têm por funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante seleção e controle, de parte dos desejos e exigências procedentes dos impulsos que emanam do indivíduo.

³ **Mito** – narrativa de uma criação, contando-nos o modo como algo, que não era, começou a ser; é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. É sentido e vivido, antes de ser formulado. É a palavra, a imagem, o gesto que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa.

⁴ **Consciência arcaica** – o mesmo que consciência primitiva ou consciência instintiva, onde não há racionalidade.

⁵ **Arquétipo** – do grego *arkhétipos*, etimologicamente, significa modelo primitivo, idéias inatas. No mito, estes conteúdos arquetípicos remontam a uma tradição do passado primitivo.

⁶ **Inconsciente coletivo** – é a herança das vivências das gerações anteriores; expressa a identidade de todos os homens, seja qual for a época e o lugar onde tenham vivido.

princípio formador, à natureza biológica e mantendo constantemente desperta esta tensão dos contrários que está na base de nossa vida psíquica” enfatizando que o símbolo nada encerra, nada explica – remetendo para além de si próprio, em direção a um significado inatingível, obscuramente pressentido e que nenhum vocábulo da linguagem que nós falamos poderia expressar de maneira satisfatória, sendo o símbolo um *produto da natureza*.

O simbólico, de acordo com Jacques Lacan, designa a ordem de fenômenos dos quais a psicanálise tem de se ocupar, sempre que forem estruturados como uma linguagem, e de acordo com o psicanalista Sigmund Freud, representa o conjunto de símbolos de significação constante que podem ser encontrados nas diversas produções do inconsciente. O símbolo existe somente no plano do sujeito, mas com base no plano do objeto. Atitudes e percepções subjetivas invocam uma experiência sensível, e não uma conceitualização, como na Filosofia. É próprio do símbolo o *permanecer indefinidamente sugestivo*; nele, cada um vê aquilo que sua potência visual lhe permite perceber; faltando intuição, nada de profundo é percebido. Rememorando os mitos o homem torna-se apto a aprender o segredo da origem das coisas, readquirindo as forças que jorraram nessas mesmas origens. O mito é vital para o homem, sendo uma realidade viva à qual se pode recorrer e uma decodificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

Conforme MATTIUIZZI (2000), os grego-romanos são os fundadores da civilização ocidental e deram vida a um conjunto de deuses e narrativas a eles relacionadas, que hoje constituem um patrimônio histórico, cultural e simbólico inigualável. Os mitos gregos e romanos representavam uma maneira de explicar tudo àquilo que se constituía mistério: a origem da vida, os grandes conflitos humanos, os acontecimentos do cotidiano, a arte, a ciência e as indagações sobre a existência, além, naturalmente, dos fenômenos naturais e das catástrofes. Os mitos gregos apresentavam seres completos que tornavam visíveis as vantagens e fragilidades dos comuns mortais e, ao mesmo tempo, as capacidades que ultrapassavam as limitações humanas, mas vivendo paixões, ódios, desafios e conquistas de toda sorte.

Foi desta forma que as antigas civilizações criaram as narrativas exemplares de seus deuses e heróis como forma de transmitir seu conhecimento, seus valores morais e éticos dentro de sua própria cultura e para outros povos. As narrativas míticas, inicialmente transmitidas oralmente de uma geração a outra, receberam posteriormente, através dos gregos, versões escritas e, assim puderam chegar aos nossos dias. A sobrevivência dos grandes mitos e personagens da mitologia grego-latina na vida contemporânea se deve, portanto, ao seu caráter eterno e aos valores que lhe são inerentes. Além de sua utilidade para se conhecer a história dos antigos povos grego e romano – como um patrimônio cultural inestimável para a nossa civilização – os mitos perpassam todas as esferas do espírito humano.

O mito se utiliza de uma linguagem simbólica, e o símbolo “ultrapassa as medidas da razão pura, sem por isso cair no absurdo.” Não surge como o fruto maduro de uma conclusão lógica, ao cabo de uma argumentação sem falhas, como na Filosofia. A análise filosófica, que fragmenta e pulveriza, é impotente para captar a riqueza do mito; a intuição nem sempre o consegue. Para se entender o mito é preciso partilhar e provar de uma certa visão do mundo, pois o símbolo representado pelo mito concentra-se sobre a realidade de partida e sobre todas as forças evocadas por cada uma dessas imagens e as que se formam análogas, em todos os planos do cosmos e em todos os níveis da consciência. Cada mito é um microcosmo e uma totalidade. Não é acumulando detalhes através da análise, como faz a Filosofia, que se lhe capta o sentido global, sendo, pois, necessária, uma visão quase sinóptica, pois uma das características do símbolo mítico é a simultaneidade dos sentidos que revela.

A linguagem dos símbolos é universal, independe de língua. Assim, sempre reconheceremos os símbolos e alegorias em qualquer lugar do mundo, em qualquer cultura e em qualquer língua, pois

os símbolos foram a linguagem que os Grandes Iniciados e Mestres utilizaram para transmitir a Sabedoria Universal. Esta linguagem simbólica foi “a protetora de todas as religiões, a alavanca secreta de todas as forças intelectuais, a chave de todas as obscuridades divinas e a soberana absoluta da sociedade, nas eras em que estava reservada exclusivamente à educação dos sacerdotes e dos reis”, de acordo com LÉVI(2001). Através do véu de todas as alegorias míticas, hieráticas e místicas dos antigos dogmas e nas cerimônias iniciáticas praticadas por todas as sociedades secretas, encontraremos as pistas de uma mesma doutrina, cuidadosamente oculta através de uma linguagem profundamente simbólica!

O homem é um ser mítico porque o que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. O mito nos ajuda a procurar, dentro de nós mesmos, nossas experiências de vida e suas ressonâncias no nosso interior, constituindo-se em pistas para uma espécie de “consciência espiritual”. De acordo com Carl Gustav Jung, os conteúdos do inconsciente coletivo são o resultado do funcionamento psíquico de toda a nossa ancestralidade; em sua totalidade, eles compõem uma imagem natural do mundo, uma condensação de milhões de anos de experiência humana. Estas imagens são míticas e, portanto, simbólicas, porque expressam a harmonia do sujeito que experimenta, com o objeto experimentado.

FONTES DE PESQUISA

CHEVALIER, J & GHEERBRANDT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1988.

CAMPBELL, Joseph. **A Imagem Mítica**. 2ed. Campinas: Papirus, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. 21ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

PETRELLI, Humberto Zanardo. **Mito e Filosofia**. Disponível em:
<http://www.alogosobre.com.br/filosofia/mito-e-filosofia.html>

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega – vol. 1**. 17ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

LÉVI, E. **Dogma e Ritual de Alta Magia**. 5ed. São Paulo: MADRAS, 2001.

MATTIUZZI, A. A. **Mitologia ao alcance de todos: os deuses da Grécia e Roma antigas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SCHURÉ, E. **Os grandes iniciados: esboço da história secreta das religiões**. São Paulo: IBRASA, 1985.

STOLNITZ, J. **Aesthetics and Philosophy of Art Criticism: a Critical Introduction**. Boston: Houghton Mifflin, 1960.

WIKIPÉDIA – **Filosofia**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia>